

PETER BURKE E SEU CONCEITO DE TRADUÇÃO CULTURAL

Luiz Felipe Urbietta Rego*

(PUC-RJ)

A *Tradução Cultural* consiste em uma obra organizada e escrita por Peter Burke focada em um elemento muito trabalhado no meio historiográfico, mas que poucas vezes recebe uma atenção central. A tradução cultural pode ser aqui entendida no contexto amplo como o processo interpretativo que visa o entendimento de objetos estrangeiros e no sentido da tradução *strictu sensu* de obras escritas. Esta é uma atividade realizada de forma consciente ou inconsciente por todo estudioso das ciências humanas.

Entretanto, devido ao histórico de seu tratamento enquanto disciplina de caráter auxiliar, a tradução enquanto objeto de estudo foi ignorada, deixando a riqueza por detrás das estratégias e métodos dessa valiosa ferramenta restrita principalmente a estudiosos da área linguística. Saindo da exclusividade dessa esfera o estudo das formas de tradução vem demonstrando novas abordagens para entendermos os processos de criação de nossas concepções de identidade e alteridade.

Em ultima instancia o exercício tradutório possui uma importância central no ofício do historiador. Mesmo que seu objeto estudado esteja em sua língua nativa ou lhe seja contemporâneo, o historiador, assim como todo pesquisador das ciências humanas realiza um trabalho de interpretação e ressignificação que carrega de forma inevitável o espírito do seu tempo. Isso é algo que o profissional de historia trata com especial atenção, pois sua preocupação em evitar anacronismos o prepara para conscientiza-lo da distancia temporal e conceitual que o separa de seu objeto. O passado é um país estrangeiro. E não podemos visita-lo como turistas.

Compreender a importância do valor e significado dessa concepção para o tempo presente é a força-motriz de todo trabalho histórico ou historiográfico. Este vem se tornando cada vez mais uma tarefa ambígua e complexa, pois os atuais historiadores possuem um acesso agora praticamente ilimitado de fontes e objetos. E para realizar uma abordagem dos mesmos são requisitadas a capacidade de compreensão e síntese de

* Mestrando em Historia Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Residente na cidade de Rio de Janeiro, Brasil. E-mail para contato: lfurbietta@ig.com.br. Currículo Lattes: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalheest.jsp?est=2806461414920993>.
Revista Litteris - www.revistaliteris.com.br

uma ampla gama de saberes e técnicas. Ao mesmo tempo além de realizar a função primária de traduzir para o presente, o historiador deve também concatenar sua análise em uma perspectiva global e local, atentando para os efeitos dos eventos humanos na longa duração em uma perspectiva múltipla.

O objetivo central dessa obra de Burke é, portanto, chamar a atenção para a tradução como tema de estudo, algo considerado por ele como marginalizado por seus contemporâneos. A preocupação pela tradução cultural e a interação de línguas e culturas no horizonte do nascimento dos Estados Modernos é um tema ao qual este autor se encontra bastante familiarizado. Ele vem trabalhando com a história social das línguas nas últimas três décadas e entre suas obras de maior destaque sobre o assunto estão *Uma historia social do conhecimento* (2000) e o *Languages and Communities in Early Modern Europe* (2004).

Esta obra encontra-se inserida dentro de uma linha de estudos relativamente recente, mas dotada de certo cabedal bibliográfico sobre o assunto. Ela é definida pelo próprio Burke como História Cultural da tradução. Segundo Burke seu conceito de tradução cultural está embasado nos estudos antropológicos de David Evans- Pritchard, que compreende a tradução cultural como um esforço simultâneo de compreensão no encontro de duas culturas¹. A forma como ela é denominada pode ser vista como testemunha do processo de continuação e amadurecimento de uma linha de pesquisa acadêmica dentro de uma escola historiográfica que também vem demonstrando grande potencial para expansão.

O modo como ela demonstra isso está refletido no tipo de livro escolhido para tratar desse tema. A realização deste objetivo se corporifica através da adoção de um modelo que favorece a articulação de perspectivas múltiplas: a coletânea de ensaios. Eles se originaram de uma série de seminários de intercâmbio cultural custeados pela European Science Foundation. Escritos por autores de nacionalidades e meios acadêmicos diversificados a obra busca com isso oferecer uma visão panorâmica sobre os meios de abordagem sobre o tema da tradução em diversos países da Europa.

¹ BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (orgs), tradução de Roger Maioli dos Santos. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P.14.

Destacam-se em meio aos autores as figuras de Ronnie Po-chia Hsia e Maria Lúcia Pallares-Burke. Colocado como co-organizador da coletânea e coautor do texto de Introdução, Hsia fala no Capítulo Dois sobre as traduções dos clássicos da Antiguidade para o chinês pelos missionários jesuítas durante os séculos XVI e XVII. O estudo de Maria Lúcia no Capítulo Oito aborda as traduções de contos e obras de diversas nacionalidades no periódico inglês do XVIII *The Spectator* em suas diversas versões pela Europa. Ambos os escritos contribuem para demonstrar como a temática da tradução cultural pode articular um estudo empírico com uma abordagem antropológica analisando como os aspectos de produção e difusão e tradução de determinadas obras revelam valores etnocêntricos historicamente marcados em diversas sociedades. E, paralelamente, a própria situação de tais autores. Hsia é sino americano e Maria Lúcia é brasileira. Ambos tiveram sua formação acadêmica nos países em que foram criados. Revela-se com isso uma riqueza de interação acadêmica internacional. Seus estudos e pessoas são exemplos de uma nova configuração mundial preocupada em repensar etnocentrismos.

A Tradução Cultural consegue com isso ter um apelo amplo e específico. Isso decorre da divisão dos artigos em três eixos centrais apresentadas nessa sequência: língua, cultura e ciência. Essa organização permite ao leitor escolher entre uma leitura cronologicamente ordenada dos capítulos ou seguir diretamente para o texto cujo tema seja de seu interesse específico. Embora separados nessas categorias o tema central da tradução enquanto partilhado por todos os autores garante uma coerência interna. Seguindo uma leitura cronologicamente ordenada iremos observar que para além da tradução em si a temática da religiosidade perpassa todos os capítulos da obra.

Pelo prisma da tradução a questão da Reforma Protestante adquire uma nova luz, reveladora de especificidades culturais, antropológicas e sociais outrora despercebidas. É o que revela, por exemplo, o Capítulo Três. Escrito por Eva Kowalská ele é dedicado ao estudo da ascensão e queda do luteranismo eslovaco no decorrer do século XVII.

Em paralelo a questão religiosa, o papel das traduções de obras científicas procura articular a interação intercultural não apenas dentro da Europa, mas expondo seu impacto pelo mundo. É o caso do ensaio de R. Po-chia Hsia e os textos presentes na última parte do livro. A forma como estes últimos textos são trabalhados merece

destaque, pois eles não fazem questão de se aprofundar no tradicional debate a respeito das tensões entre religião e ciência.

O estudo de Hsia no Capítulo Dois constitui-se nesse conjunto como uma exceção devido à especificidade da questão jesuíta. A missão jesuíta na China fora considerada um fracasso pelo Papado de seu tempo devido a críticas referentes à postura adaptativa e tolerância dos jesuítas aos costumes locais, a chamada Polêmica dos Ritos Chineses. E a dedicação dos missionários a tradução de obras científicas e filosóficas, tanto chinesas quanto europeias, foi julgada como deviante e prejudicial para a ação evangélica proposta pela Igreja Católica.

Dentro do conjunto dos quatro últimos capítulos destacam-se também os estudos de Isabelle Pantin (Cap.9) e Feza Günergün (Cap.11). Em seu texto Pantin busca não apenas fazer um levantamento amplo das obras científicas produzidas e difundidas na Europa dos séculos XVI e XVII como também procura destacar autores relativamente obscuros como Paracelso. Já Günergün destaca em seu artigo as formas de recepção de obras científicas europeias, em especial sobre medicina, no meio intelectual otomano do século XVI.

Ambos os textos preocupam-se em expor aspectos inexplorados dentro dos estudos da Europa Moderna onde a comunicação intercultural proporcionada pela tradução produziu novos entendimentos sobre o homem e o seu mundo em expansão. As traduções desempenharam nesse contexto um papel fundamental e ambíguo. Elas serviam para suprir ausências intelectuais nas culturas para as quais eram traduzidas como também, em especial no caso das literaturas, serviam para exaltar a cultura nacional demonstrando sua capacidade em absorver valores e conceitos estrangeiros.

Os leitores interessados nos temas do intercambio cultural, alteridade e difusão do conhecimento irão encontrar na Introdução feita por Burke e Hsia e nos Capítulos 1 e 4 escritos por Burke um estudo introdutório sobre a tradução cultural. Eles constituem uma apresentação geral do tema e um tratamento panorâmico sobre o *status* da tradução nos principais países da Europa-França, Inglaterra, Espanha e Itália- entre o XVI e o XVIII.

Em uma análise retrospectiva do livro poderíamos dizer que os capítulos escritos por Burke são voltados para uma análise mais panorâmica sobre a questão da tradução

cultural. Os demais artigos procuram constituírem-se principalmente como estudos de caso fora do circuito explorado por Burke. Eles são exemplares dos resultados que podem ser obtidos com esse tipo de abordagem que articula análise antropológica e empírica em contextos gerais e locais.

Ao final da leitura desta obra os leitores brasileiros e portugueses irão perceber um vácuo intrigante: a total ausência de referência a Portugal em uma obra que pretende abordar a questão da tradução cultural em toda Europa Moderna. Na verdade ela não se encontra omitida de maneira absoluta, mas sim referendada de maneira mínima e indireta: o caso do trabalho realizado pelos jesuítas portugueses na China, comentados brevemente no Capítulo Dois como sendo eclipsados pelo volume e qualidade das obras produzidas pelos seus irmãos italianos.

Em uma coletânea que procura abordar e destacar a Europa na riqueza da multiplicidade de interações entre suas diversas nações a ausência de Portugal é marcante. Afinal, a própria história de sua fundação e estabelecimento como nação tem como elementos centrais tanto a interação entre culturas diversas, formando a chamada identidade ibérica, bem como a intermediação entre o Oriente e Ocidente como parte de sua instituição como império ultramarino. Essa ausência provavelmente reflete a falta de estudos sobre o tema. Acaba com isso por destacar mais ainda o objetivo central da obra em conclamar historiadores para o estudo dos processos históricos de tradução.

A percepção dessa ausência reforça um dos objetivos declarados na introdução da obra que é tanto buscar preencher lacunas quanto ao tema, ao mesmo tempo em que revela para o público o que vem sendo produzido dentro desse campo de pesquisa. O caso de Portugal e, indiretamente do Brasil, aparecem com isso como objetos de estudo cuja abordagem pelo enfoque da tradução cultural possui grande potencial inexplorado.

BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (orgs), tradução de Roger Maioli dos Santos. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

